

# **A rede social Facebook enquanto ferramenta de suporte ao ensino colaborativo / cooperativo**

Luís Manuel Mendes Garcia<sup>1</sup>, Maria João Ferreira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Portucalense, Porto, Portugal  
[luisgarcia@marcadagua.com](mailto:luisgarcia@marcadagua.com)

<sup>2</sup>Universidade Portucalense, Porto, Portugal  
[mjoao@uportu.pt](mailto:mjoao@uportu.pt)

## **Resumo**

As redes sociais conquistaram o seu espaço no quotidiano da nossa sociedade. Não podemos por isso ignorar as suas potencialidades no que à aprendizagem colaborativa concerne. Acompanhar a implementação e aceitação de novos espaços de comunicação, como o Facebook, pelos cibernautas, apresenta-se-nos como motivação extra na utilização destas ferramentas no contexto do processo ensino/aprendizagem. Compreender se os alunos estarão, também eles, motivados a participar e tirar proveito destas plataformas, enquanto facilitadoras da sua aprendizagem parece-nos uma questão merecedora de uma reflexão.

**Palavras-Chave:** CSCL, CSCW, aprendizagem colaborativa, web

## **1. Introdução**

Uma das principais referências na investigação da tecnologia no espaço escola é o trabalho realizado por Larry Cuban, intitulado “Professores e Máquinas: O uso da tecnologia na sala de aula desde 1920”. Cuban estudou a introdução da rádio, filme, tv e computador em escolas dos Estados Unidos, desde o início do século XX até meados da década de oitenta. A principal conclusão do seu trabalho é que o recurso a artefactos tecnológicos na escola é uma história repetida de insucessos. Segundo Cuban, esta história é caracterizada por investigações que mostram as vantagens educacionais da sua utilização. Passado algum tempo, são lançadas políticas públicas de introdução da nova tecnologia no espaço escola, que passam pela adopção limitada da mesma por alguns professores, sem que para isso sejam visíveis ganhos académicos significativos. Em cada ciclo, uma nova sequência de estudos aponta as prováveis causas do pouco sucesso da inovação, tais como falta de recursos, resistência dos professores, burocracia ou equipamentos inadequados (CUBAN, 1986).

Afastamo-nos deste pessimismo de Cuban e preferimos acreditar nas potencialidades da introdução das tecnologias no espaço escola, enquanto valor acrescentado para alunos e professores. A história do desenvolvimento de software educacional mostra que os primeiros programas nesta área eram versões digitais do que realmente acontecia numa sala de aula. O ensino com a utilização das TIC tem as suas raízes no ensino através de máquinas. Esta ideia foi utilizada por Sidney Pressey em 1924 quando inventou uma máquina para corrigir testes de escolha múltipla. Posteriormente, no início da década de cinquenta, B. F. Skinner, como professor de Harvard propôs uma máquina para ensinar utilizando o conceito de instrução programada (VALENTE, 1998).

Neste sentido pretendemos aferir da possibilidade da introdução de tecnologia no espaço escola, nomeadamente como suporte de uma aprendizagem construída com base em trabalho de grupo. Segundo os resultados dos estudos de Doise & Mouni, em certas condições, o trabalho de pares é mais eficiente que o trabalho individual (DILLENBOURG, et al., 1995). Partindo deste pressuposto deveremos considerar a aprendizagem colaborativa enquanto possibilidade de valor acrescentado no processo ensino/aprendizagem. Considerando a introdução de tecnologia na escola como uma vantagem e seguindo as novas tendências de utilização do computador, nomeadamente enquanto meio de acesso à Web, pretendemos averiguar a potencialidade da utilização de uma rede social enquanto ferramenta de aprendizagem colaborativa.

O artigo está organizado da seguinte forma: na secção 2 é apresentado e discutido o conceito de Aprendizagem Colaborativa Assistida por Computador e a utilização da plataforma Web e conseqüente mudança de paradigma que a mesma trouxe ao processo ensino/aprendizagem; na secção 3 faz-se uma abordagem às redes sociais, nomeadamente o Facebook e a sua utilização pelas organizações; finalmente, na secção 4, é apresentada a investigação em curso.

## **2. Conceitos gerais**

Sendo a Aprendizagem Colaborativa Assistida por Computador (Computer Supported Collaborative Learning - CSCL) um conceito já bastante debatido, seria de esperar que fosse consensual a sua definição em termos de investigação, uma vez que, com a disseminação do(s) conceito(s), tornar-se-ia mais fácil alcançar um acordo no que a uma definição abrangente das várias perspectivas correntes concerne. No entanto, segundo Pierre Dillenbourg, um dos teóricos mais relevantes nesta área, tal não sucede (MOTA, 2009), existindo uma grande variedade de utilizações do termo aprendizagem colaborativa, dentro de cada campo académico (DILLENBOURG, 1999).

Dada a necessidade de no trabalho de investigação em desenvolvimento assentar numa definição optámos pela definição que Dillenbourg propõe de aprendizagem colaborativa, ainda que susceptível à crítica de se poder considerar bastante ampla – uma situação em que duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo em conjunto, de forma a abranger as várias abordagens possíveis. Iremos ter em consideração que colaboração envolve a construção de conhecimento através da interacção com os outros, caracterizando-se pelo empenho conjunto, relativamente a um objectivo comum (LITTLETON, et al., 1999).

### **A. Para lá do ambiente colaborativo, a plataforma web**

A utilização de plataformas Web para operacionalização de Ensino a Distância (EAD) não é um tema novo. Nos últimos anos vários estudos têm sido realizados no âmbito do EAD, com particular destaque para a preocupação pedagógica no desenvolvimento de plataformas que possibilitem e estimulem uma aprendizagem que pretende ser facilitada, sem o risco de cair em facilitismos. Neste sentido o facto de a aprendizagem colaborativa poder beneficiar significativamente com o recurso a estas plataformas, não sendo uma novidade, continua a ser um tema que merece especial e particular atenção, quando se desloca a sala de aula, ou parte dela, para a Web.

Autores como Maçada e Tijiboy referem o potencial de ambientes baseados na Web para a área da educação na era digital. Neste contexto salientam elementos como a postura colaborativa e estrutura dos próprios ambientes, que consideram relevantes e que suportam, tendendo a propiciar, a aprendizagem colaborativa na Internet (MAÇADA, et al., 1998). O referido trabalho, apresentado em 1998, destacava ainda, como impacto de maior importância a forma de comunicação entre as pessoas, comunicação essa que estava então a sofrer alterações no léxico do dia-a-dia devido à introdução da Internet. Para além do referido, a própria diversificação na representação do pensamento, através dos meios multimédia que surgiam aliados à telemática, culminava numa nova concepção de espaço e tempo no sentido de derrubar fronteiras de comunicação. Através da análise da Tabela 1, podemos verificar que as mudanças na forma de comunicação, salientadas por Maçada e Tijiboy, quando inseridas no contexto do espaço escola permitem uma diferenciação entre o que podemos considerar um Paradigma antigo vs Paradigma novo (MAÇADA, et al., 1998).

	<b>Paradigma antigo (Era Industrial)</b>	<b>Paradigma novo (Era Digital)</b>
<b>Conhecimento</b>	Transmissão do professor para o aluno	Construção colectiva pelo aluno e professor
<b>Alunos</b>	Passivos, “caixas vazias a serem” preenchidas pelo conhecimento do professor Receber ordens	Activos, construtores, descobridores, transformadores do conhecimento. Tomam decisões
<b>Objectivos do Professor</b>	Avaliar e seleccionar alunos	Desenvolver os talentos dos alunos
<b>Relações</b>	Impessoal entre alunos e entre professor e aluno	Pessoal entre alunos e entre professor e aluno
<b>Contexto</b>	Aprendizagem competitiva, individualista. Informação limitada	Aprendizagem colaborativa, grupos colaborativos de professores, infinidade de informação
<b>Concepção de educador</b>	Qualquer um pode ensinar	Ensinar é complexo e requer formação

Tabela 1 Paradigma antigo vs Paradigma novo segundo Fellers

Thornburg (1997), por sua vez, defende que hoje em dia além da expressão verbal e escrita e do raciocínio matemático (habilidades tradicionalmente consideradas essenciais), torna-se necessário o desenvolvimento de novas habilidades ou talentos que incluem a fluência tecnológica, a capacidade de resolver problemas e os “3 C”- Comunicação, Colaboração e Criatividade (THORNBURY, 1997). Neste sentido, Maçada e Tijiboy salientam a grande importância da interação social, da colaboração e da cooperação no processo de aprendizagem/desenvolvimento. O processo de interação entre indivíduos possibilita um intercâmbio de pontos de vista, que permitem conhecer e reflectir acerca de diferentes questões. Uma reflexão acerca do próprio pensar, ampliando com autonomia a sua tomada de consciência para procurar novos rumos.

### **3. O facebook enquanto ferramenta colaborativa / cooperativa**

O conceito de rede social pode ser apresentado como um conjunto de utilizadores, que participam de forma autónoma na junção de ideias e recursos num quadro de interesses partilhados (MARTELETO, 2001). No contexto do apresentado nas secções anteriores podemos apontar a rede social Facebook como exemplo para a explanação apresentada por Mauro Segura, consultor IBM no Brasil e autor do blog “A Quinta Onda”, de algumas vantagens para a utilização de redes sociais dentro das organizações, na qual se destaca a escola (SEGURA, 2009). Segura sugere que as redes sociais oferecem um crédito inerente ao grande sucesso que apresentam hoje em dia. O autor ainda acrescenta que as mesmas irão contribuir com rapidez e facilidade de acesso ao conhecimento, ao mesmo tempo que a inovação vai emergir de um

ambiente que se pretende de facilitação de uma partilha proporcionada por diversas perspectivas e opiniões (SEGURA, 2009).

Utilizando uma rede social consegue-se, também, quebrar duas barreiras, as geográficas, uma vez que o espaço deixa de ser um obstáculo para a interacção entre os diversos actores em jogo, e as hierárquicas, embora a disseminação do poder entre estes mesmos actores seja, provavelmente, um dos motivos que ainda se levantam contra a plena integração destas redes nas organizações, a disseminação do poder entre estes mesmos actores. Neste sentido, os autores movem-se para uma comunicação directa, sem intermediários, que garante a fiabilidade do conteúdo da mensagem. Isto leva a uma afirmação da identidade pessoal, uma oportunidade para o indivíduo mostrar quem é, num teatro de grandes dimensões que, de outra forma, seria talvez demasiado grande para ouvir as suas opiniões. Constroem-se referências aglutinadas num grande conjunto que permitirá, a posteriori, as consultas que forem necessárias efectuar.

Com toda uma nova liberdade de comunicação viabiliza-se uma política de porta aberta, uma acção que deverá deixar ideias fluir livremente e que permitirá apelar à criatividade colectiva na organização. Todas estas vantagens assentam numa premissa valiosa que consiste na simplicidade da tecnologia necessária à implementação de uma rede social e que não carece da intervenção de um expert para que se possa utilizá-la de forma correcta, uma rede social.

O espaço escola tem vindo a sofrer alterações ao longo da história. Evolução obriga a modificações, no entanto debatemo-nos actualmente com uma crise na escola que pode colocar a questão de que: a escola é uma instituição que já não ensina e que não tem espaço para educar (COSTA, et al., 2007). Parece-nos demasiado definitivo afirmar que a escola já não ensina, até porque pensamos que mais do que ensinar, a escola deve criar condições para que a aprendizagem aconteça. Neste ponto as TIC surgem como uma mais-valia no auxílio à operacionalização da criação de condições por parte dos executores do processo, os professores.

#### **4. Metodologia**

A investigação que pretendemos desenvolver enquadra-se numa perspectiva metodológica que podemos designar por investigação qualitativa. Neste sentido, embora o estudo de caso seja, por tradição, parte integrante da designada investigação qualitativa, existem autores que apontam como vantajoso, para a operacionalização da investigação o recurso a dados qualitativos e quantitativos (DUARTE, 2008).

Delineamos, neste ponto, o nosso posicionamento, em termos de paradigma, que pretendemos seguir nesta investigação, para de seguida caracterizarmos o método de estudo de caso, no contexto do posicionamento que pretendemos seja o que vamos seguir.

Parece-nos clara a aceitação plausível da divisão entre metodologia qualitativa e metodologia quantitativa. De facto a metodologia quantitativa é tida como ferramenta mais destacada da abordagem positivista. Neste contexto, o método é experimental e o conhecimento, extraído da realidade natural ou social, permanece estável e quantificável, decorrendo de um distanciamento que o investigador impõe entre si e a realidade estudada. A metodologia qualitativa tem em consideração uma abordagem considerada mais interpretativa e construtivista (DENZIN, et al., 1994).

O recurso à investigação qualitativa tem sido efectuado enquanto abordagem geral para todas as formas de investigação que se baseiam principalmente na utilização de dados qualitativos, incluindo, como já referimos anteriormente, o estudo de caso (RODRIGUEZ, et al., 1999). Neste sentido os dados recolhidos, no contexto da investigação, são denominados qualitativos, o que traduz uma riqueza de fenómenos descritivos relativamente a locais, intervenientes e trocas de informação entre si (conversas), sendo de complexo tratamento estatístico (BOGDAN, et al., 1994).

As questões que nos propomos investigar não se estabelecem com um carácter de operacionalização de variáveis, mas sim formuladas com o objectivo de estudar fenómenos, levando em consideração toda a sua complexidade, em contexto natural. As abordagens à metodologia qualitativa sofrem algumas variações conforme as interpretações dos autores, mas aproxima-se nos aspectos fundamentais.

Muitos autores não aceitam a dicotomia na investigação qualitativa/quantitativa e sustentam a existência de um contínuo entre esses dois tipos de investigação (LESSARD-HÉRBERT, et al., 2005)

## **5. Questões de investigação e objectivos**

As TIC são, muitas vezes, introduzidas no espaço escola enquanto sinal de modernidade, o que, poderá conduzir a um esquecimento das suas reais potencialidades. Os professores são induzidos a recorrer à utilização destas novas tecnologias sem que, na maior parte das situações, sintam estas como valor acrescentado para as matérias que leccionam. Esta atitude conduz a um “sonambulismo” tecnológico (WINNER, 1987), ou seja, a submissão a cada novo passo da tecnologia que é utilizada sem que a inserção da mesma no espaço escola seja criticada, para que daí se possam retirar as contribuições positivas ou negativas que a mesma traga por inerência.

Neste sentido tem-se assistido, em muitas situações, a uma imposição de fora para dentro destas novas tecnologias relativamente à escola. As chamadas redes sociais serão, talvez, um dos

exemplos mais recentes, em que a escola se debate com um novo espaço de discussão que tende a fugir à sua área de influência e que pode e deve ser aproveitado enquanto plataforma potencial de apoio ao ensino/aprendizagem. Na era do conhecimento, deixar de reconhecer uma pessoa na sua inteligência é recusar-lhe a sua verdadeira identidade social, e conseqüentemente nutrir o seu ressentimento e a sua hostilidade, humilhação e frustração, podendo originar a violência. Em contrapartida, sempre que o valorizamos de acordo com o leque variado dos seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobilizá-lo para o desenvolvimento de sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjectiva de outras pessoas em projectos colectivos (LEVY, 1999).

Assim as redes sociais podem contribuir para a mobilização dos saberes, o reconhecimento das diferentes identidades e a articulação dos pensamentos que fazem parte do todo. Torna-se assim possível, a nosso ver, à escola, fazer uso destas redes sociais tendo em linha de conta que este espaço virtual tende já a reunir, a priori, pessoas com gostos e motivações similares. Os professores poderão intervir intencionalmente enquanto agentes capazes de contribuir para a discussão de temas e posterior aprofundamento dos mesmos, orientando as conversas que entretanto se forem desenrolando na rede. Neste ponto começamos a olhar o Facebook enquanto ferramenta potencial de aprendizagem com características que podem potenciar o desenvolvimento de um espaço convidativo à operacionalização de uma aprendizagem colaborativa. Neste contexto propomo-nos a:

1. Averiguar do interesse da utilização do Facebook no processo ensino/aprendizagem.
2. Desenvolver um modelo que possibilite a utilização do Facebook enquanto ferramenta de aprendizagem colaborativa.
3. Implementar/validar o modelo proposto.

## **6. Trabalho actual**

A nossa investigação está, neste momento, a concluir o aprofundar da revisão da literatura, que incluiu o aprofundar das temáticas apresentadas e de outras que consideradas como importantes. Realizámos ainda o estudo e comparação de várias aproximações propostas para trabalho colaborativo.

## **7. Conclusões**

As alterações que o espaço-escola tem vindo a sofrer, inseridas no contexto de evolução tecnológica têm vindo a exigir novas competências bem como a criar expectativas nos alunos.

Os alunos já marcaram o seu espaço na Internet e apontam para estilos de vida mais flexíveis, interactivos e intemporais, servindo-se das tecnologias Web para participar, partilhar e comunicar. Neste sentido as redes sociais são ambientes baseados na procura de aprendizagem, pelo que devemos ampliar a nossa visão de pedagogia para que os alunos sejam participantes activos no processo de ensino/aprendizagem e também e co-produtores de conteúdos, de modo a que a aprendizagem aconteça enquanto processo participativo, social, de apoio aos objectivos e necessidades individuais (MCLOUGHLIN, et al., 2007).

Neste contexto estamos convictos de que o Facebook poderá ser utilizado como um recurso pedagógico importante para promover a aprendizagem colaborativa.

## Referências

**ALPERT, D. 1975.** *The PLATO IV system in use: a progress report.* Amsterdam : O. Lecarme e R. Lewis, 1975.

**ANDREOLI, V. 2007.** *O mundo digital.* Lisboa : Editorial Presença, 2007.

**BASTOS, MARCELO. 2009.** 10 razões para adotar redes sociais nas empresas. *Blog da HSM.* [Online] Setembro 2, 2009. [Cited: Junho 24, 2010.] <http://hsm.updateordie.com/inovacao/2009/09/10-razoes-para-adotar-redes-sociais-nas-empresas/>.

**BEAUDOUIN-LAFON, M. 1999.** *Computer Supported Co-operative Work.* Paris : Université de Paris, 1999.

**BELL, JUDITH. 1989.** *Doing your research project: a guide for the first-time researchers in education and social science.* Milton Keynes, England : Open University Press, 1989.

**BISQUERRA, R. 1989.** *Métodos de Investigacion Educativa.* Barcelona: : Ediciones CEAC, 1989.

**BOGDAN, R and BILKEN, S. 1994.** *Investigação qualitativa em educação.* Porto : Porto Editora, 1994.

**COLEMAN, J.S. 1988.** *Social capital in the creation of human capital.* 1988. pp. 95-120.

**COSTA, RICARDO and GOMES, MANUEL FREITAS. 2007.** *A Escola é uma instituição que já não ensina.* 2007.

**CUBAN, LARRY. 1986.** *Teachers and machines: The classroom use of technology since 1920.* New York : Teachers College Press, 1986.

**DENZIN, N.K and LINCOLN, Y.S. 1994.** *Handbook of qualitative research.* Thousand Oaks : Sage Publications, 1994.

**DILLEMBOURG, P., et al. 1995.** *Learning in humans and machines: toward an interdisciplinary learning science*. Oxford : Elsevier, 1995.

**DILLENBOURG, P. 1999.** Introduction: What Do You Mean By «Collaborative Learning»? *Education & Technologies*. [Online] 1999. [Cited: Dezembro 4, 2009.] <http://tecfa.unige.ch/tecfa/publicat/dil-papers-2/Dil.7.1.14.pdf>.

**DUARTE, JOSÉ. 2008.** *Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização*. 2008. pp. 113-132.

**FACEBOOK. 2004.** Sala de Imprensa. *Facebook*. [Online] 02 2004. [Cited: 08 17, 2010.] <http://www.facebook.com/press/info.php?factsheet>.

**FELLERS, J. W. 1996.** *People skills: Using the cooperative learning model to teach students*. s.l. : Interfaces, 1996.

**FRANCO, S. R. K. and BECKER, F. 1999.** *Revisitando Piaget*. Porto Alegre : Mediação, 1999.

**GRUNDY, J. 1994.** *Computer-supported cooperative work: Its history and participation*. s.l. : IEEE Computer, 1994.

**KATZENBACH, J. R. 1994.** *A força e o poder das equipes*. S. Paulo : Editora Makron Books, 1994.

**KOSCHMANN, T. 2002.** *Dewey's contribution to the foundations of CSCL research*. In G. Stahl (Ed.), *Computer support for collaborative learning: Foundations for a CSCL community*. Boulder, CO : Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

**LESSARD-HÉRBERT, M, GOYETTE, G and BOUTIN, G. 2005.** *Investigação Qualitativa fundamentos e práticas*. Lisboa : Instituto Piaget, 2005.

**LEVY, P. 1999.** *A inteligência colectiva, por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo : Edições Loyola, 1999.

—. **1993.** *As tecnologias da inteligência - O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro : Editora 34, 1993.

**LITTLETON, K. and HÄKKINNEN, P. 1999.** *Learning Together: Understanding the Processes of Computer-Based Collaborative Learning*. Amsterdam : Pergamon, 1999.

**LUCENA, C.J. 1998.** *AulaNet; Helping teachers to do their homework*. Rio de Janeiro : DI - PUC-Rio, 1998.

**MAÇADA, DÉBORA LAURINO and TIJIBOY, ANA VILMA. 1998.** *Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos*. Brasília : s.n., 1998.

**MARTELETO, REGINA MARIA. 2001.** *Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação*. Brasília : Ciência da Informação, 2001.

- MATURANA, HUMBERTO. 2001.** *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2001.
- MAXIMIANO, ANTÓNIO CESAR. 1992.** *Introdução à Administração*. São Paulo : Editora Atlas, 1992.
- MCLOUGHLIN, C and LEE, M. 2007.** *Social software and participatory learning: Pedagogical choices with technology affordances in the Web 2.0 era*. Singapore : Ascilite, 2007.
- MELLO, G. N. 1998.** *Cidadania e Competitividade. 7ª ed.* S. Paulo : Cortez, 1998.
- MOECKEL, A. 2003.** *CSCW: conceitos e aplicações para cooperação*. Curitiba : CEFET-PR, 2003.
- MORIN, EDGAR. 2000.** *A cabeça bem feita*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2000.
- MOTA, J. 2009.** Da Web 2.0 ao e-Learning 2.0: Aprender na Rede. *Universidade Aberta*. [Online] Junho 2009. [Cited: Janeiro 5, 2010.] <http://orfeu.org/weblearning20>.
- PONTE, JOÃO PEDRO. 1994.** Faculdade de Ciências. *Universidade de Lisboa*. [Online] 1994. [Cited: Julho 10, 2010.] [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte\(Quadrante-Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte(Quadrante-Estudo%20caso).pdf).
- RESNICK, P. 2001.** *Beyond bowling together. Sociotechnical capital*. Boston : Addison-Wesley, 2001.
- RODRIGUEZ, G.G, FLORES, J.G. and JIMÉNEZ, E.G. 1999.** *Metodologia de la investigación cualitativa*. Málaga : Ediciones Ajibe, 1999.
- SANTOS, NAIRE PINHEIRO DOS. 2007.** *Planeta Web 2.0: Inteligência colectiva ou meios fast food*. 2007.
- SCHNEIDER, M. 2005.** As repercussões da escrita electrónica no desenvolvimento da escrita manual na sala de aula e as consequências no código verbal. *Educação OnLine*. [Online] Março 20, 2005. [Cited: Abril 17, 2010.] [http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=294:as-repercussoes-da-escrita-eletronica-no-desenvolvimento-da-escrita-manual-na-sala-de-aula-e-as-consequencias-no-codigo-verbal&catid=4:educacao&Itemid=15](http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=294:as-repercussoes-da-escrita-eletronica-no-desenvolvimento-da-escrita-manual-na-sala-de-aula-e-as-consequencias-no-codigo-verbal&catid=4:educacao&Itemid=15).
- SEGURA, MAURO. 2009.** Dez razões para sua Empresa aderir às Redes Sociais . *A Quinta Onda*. [Online] 3 12, 2009. [Cited: 4 6, 2010.] <http://aquintaonda.blogspot.com/2009/03/dez-razoes-para-sua-empresa-ter-uma.html>.
- STAHL, G., KOSCHMANN, T. and SUTHERS, D. 2006.** *Computer-supported collaborative learning: An historical perspective*. Cambridge : Cambridge Handbook, 2006.
- SUPPES, P, SMITH, R and BEAR, M. 1975.** *University level computer assisted instruction at Stanford: 1975 Technical Report Nº265*. Stanford University, California : IMSSS, 1975.

**SVEIBY, KARL. 1998.** *A nova riqueza das organizações: Gerindo e avaliando patrimônio de conhecimento.* Rio de Janeiro : Editora Campus, 1998.

**SVIOKLA, JOHN. 2008.** LinkedIn: Usefull and profitable social network. *Harvard Business Review.* [Online] Julho 2008. [Cited: Junho 30, 2010.]  
[http://blogs.hbr.org/sviokla/2008/07/linkedin\\_the\\_useful\\_and\\_profit.html](http://blogs.hbr.org/sviokla/2008/07/linkedin_the_useful_and_profit.html).

**THORNBURY, Scott. 1997.** *About language: Tasks for teachers of English.* Cambridge : Cambridge University Press, 1997.

**VALENTE, JOSÉ ARMANDO. 1998.** *Diferentes usos do computador na educação.* 1998.

**WINNER, LANGDON. 1987.** *La ballena y el reactor.* Barcelona : Gedisa, 1987.

**YIN, ROBERT. 1994.** *Case study research: Design and methods.* Thousand Oaks, CA : Sage Publications, 1994.